



De professora primária à militante pró-feminista? História, memória e escrita de si em Teresina na segunda metade do século XX.

ÂNGELA MARIA MACÊDO DE OLIVEIRA¹

Resumo:

Este texto discute as diferenças de gênero e escrita de si em crônicas jornalísticas de autoria de Iracema Santos Rocha da Silva, na década de 1950 quando foi constante a escrita para o jornal *O Dominical* (Crônica Feminina). A partir de um levantamento inicial das crônicas, percebeu-se que os assuntos enfatizados tratam de questões relacionadas à condição feminina, à educação na cidade de Teresina e questões políticas. Essas questões revelavam um contexto social de desigualdade e hierarquia entre os gêneros, uma sociedade que expressava valores rígidos em relação à condição feminina na vida pública e privada se comparada à condição masculina. A categoria conceitual utilizada neste texto foi gênero, que discute como são criadas historicamente as relações sociais entre o masculino e o feminino, que são, portanto históricas. Assim como também foram importantes as discussões em torno da escrita de si e da micro-história, estas possibilitam pensar e escrever a História de um ponto de vista não mais globalizante, mas voltado a trajetórias individuais que possibilitam entender ecos do movimento feminista na cidade de Teresina a partir da trajetória de vida de Iracema Santos Rocha da Silva na segunda metade do século XX.

Palavras-chave: Crônicas Jornalísticas. Gênero. Escrita de Si.

INTRODUÇÃO

No ano de 2008, escrevendo minha Dissertação de Mestrado – que teve como objetivo analisar a família teresinense na década de 1950, tendo como pretexto o discurso religioso e, neste sentido, o nosso principal objetivo foi inventariar as prescrições católicas em torno da família e compará-las com o consumo cultural, verifiquei que nas práticas cotidianas existiram dissonâncias entre a norma imposta e o consumo das prescrições, que era plural – tive acesso às crônicas escrita por Iracema Santos Rocha da Silva, Professora, Cronista do Jornal *O Dominical*, esposa, mãe, dona de casa, estudante da Faculdade de Filosofia - FAFI (1959). Bacharel em Direito 1973.

Teresina na década de 1950 era uma cidade marcada por conflitos. De um lado, a forte presença e influência da Igreja Católica nos aspectos sociais, educacionais e culturais, e, por outro, a intensificação na urbe de novidades modernas, que interferiram diretamente no consumo cultural da família e nas identidades de gênero. Já à época da escrita da dissertação, chamou-me atenção como à trajetória de vida da cronista estava visível em algumas de suas

¹ Mestre em História pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Professora Assistente I da Universidade Estadual do Piauí – UESPI Campus Possidônio Queiroz. E-mail: angelamariasoes@hotmail.com

crônicas, portanto, demonstrava, em muitas situações, uma escrita auto-referenciada ou escrita de si.

Atualmente, estou desenvolvendo um projeto de pesquisa que tem como propósito analisar os ecos do movimento feminista na cidade de Teresina a partir da trajetória de vida de Iracema Santos Rocha da Silva na segunda metade do século XX, especialmente nas décadas de 1960 e 1970, nesse período a professora primária tornou-se Licenciada em Filosofia e Didática Geral pela FAFI, Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Piauí, 1973 Professora Catedrática da Escola Normal Antonino Freire, da Universidade Federal do Piauí, integrou a Liga Feminina Trabalhista, da Liga Operária, Liga Camponesas e da Frente Mobilização Popular.

No mês de março do corrente ano recebeu uma indenização do Ministério da Justiça por atos abusivos sofridos durante prisão em 1964. Foi intensa a sua participação na esfera pública atuando como professora, jornalista e advogada, hoje aos 88 anos ainda atua na área jurídica assessorada por filhos e netos bacharéis em Direito. Para o projeto de Pesquisa que ora desenvolvo, estão sendo utilizadas como fontes às crônicas jornalísticas, nos jornais *Diário do Povo*, *O Estado*, *Voz do Piauí* e *Folha da Manhã*, e memórias acessadas através de entrevistas e de um livro de memórias do seu esposo José Maranhão Ferreira da Silva, intitulado “*Recordar é viver*”, mas, escrito por Iracema Silva, “[...] a dois foi feito este livro. Recebi do José os escritos e rascunhos de suas recordações, e acrescentei a eles, a sensibilidade da minh’alma. O livro é [...] parcela de suas recordações, completado de meus dizeres”. (SILVA, 2002:14-15). No entanto, ao lermos o livro de reminiscências percebemos muitos escritos de si, ‘desabafos’ da ‘alma’ de dona (Iracema) entrelaçados com o do outro (marido), o que nos remete a escrita de si e o discurso de estética da existência analisados por Foucault (2012) que afirma que os escritos podem está na ordem ‘dos movimentos interiores da alma’. Até o presente momento não há registro ‘oficiais’ de suas memórias, no entanto, podemos acessá-las a partir do que foi registrado no livro “*Recordar é viver*” e nas entrevistas realizadas,

Iracema Santos Rocha da Silva, Professora, Advogada, Jornalista, foi à primeira mulher e única que no Estado do Piauí levantou a bandeira ‘O Petróleo é Nosso’ que propiciou a criação da Petrobrás, assumindo real liderança nas Reformas de Base e no Movimento Nacionalista que assolou o país em 1950 e, por assim uma mulher destemida, Iracema foi presa em Teresina, no 25º BC, respondeu Inquérito Militar e perdeu se emprego de Professora Universitária e Professora Catedrática do Estado [...] nunca foi comunista, nunca foi subversiva, senão de ideias, mudanças. O seu

desejo sempre foi uma melhor situação social para o país, mais escolas, mais emprego, mais honestidade [...] única mulher a combater o golpe militar de 1964, sendo por esse destemor presa incomunicável no quartel do 25º BC, no dia 08 de maio de 1964, acusada pelo Ato Institucional de ‘subversiva’ e de ‘atividades ideológicas comunistas’ [...] foi afastada de seus cargos de professora [...] ficando proibida de falar suas ideias aos seus muitos jovens alunos [...] como se foram perniciosos seus ideais de um mundo melhor, com a plena participação da mulher. (SILVA, 2002:110-111)

Até o presente o momento as suas memórias ainda não foram publicadas, quando estudamos o golpe civil militar na América Latina ainda é comum percebermos uma historiografia que retrate mais memórias masculinizadas quando o tema é tortura na prisão se compararmos com as memórias femininas.

Existem muitos silêncios quanto às narrativas femininas pós-ditatoriais. (PEDRO; WOLFF, 2010). A historiadora Margareth Rago no livro “*A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade*” afirma que por ocasião da educação desigual e hierárquica em entre os gêneros as mulheres foram subjetivadas a cuidar do outro, sejam: filhos e marido, e, portanto, esqueceram-se de si ao “tendo sido educadas para a maternidade, para serem missionárias, enfermeiras ou professoras [...] foram convidadas a esquecerem de si mesmas, a renunciar ao exame da própria existência, foram estimuladas a cuidar do outro em primeiro lugar” (RAGO, 2013: 64)

A ESCRITA DA HISTÓRIA A PARTIR DO SINGULAR

Tempos de ditadura militar

Desde o final dos anos 50, com a ampliação da oferta em nível superior e, especialmente, a partir dos anos sessenta em Teresina,

[...] houve um impacto causado pelo ingresso de novas instituições universitárias, basta citar que estavam inscritos para os vestibulares de 1964 nada menos de 49 candidatos para Direito, 35 para Odontologia e 100 para Filosofia [...] eram frequentes os encontros e debates. Publicavam-se jornais. Pipocavam grêmios estudantis, associações de moradores de bairros, sindicatos, etc [...] muitos intelectuais engajavam na luta pela conscientização política [...] proferiam palestras (BARROS, 2006:151-152).

Em março de 1964, irrompia o golpe civil-militar, o qual os militares justificavam como tendo ocorrido para salvar a pátria dos comunistas. Os intelectuais, professores e

estudantes que promoviam discussões no âmbito social eram intitulados de comunistas e/ou subversivos, sendo encaminhados ao Comando da Guarnição Federal, que funcionava à Rua Teodoro Pacheco em Teresina ou encaminhado ao 25º Batalhão de Caçadores – conhecido por 25 BC. Em maio de 1964, em “plena comemoração do dia consagrado às mães, era levada também à prisão a combativa professora Iracema Santos Rocha da Silva, que fora candidata à prefeita de Teresina em 1962, pelo PTB” (BARROS, 2006:190).

Percebemos então a intensidade da participação política da professora e cronista Iracema Santos Rocha da Silva. O que configurava uma dupla transgressão, primeiro se candidatar à um cargo eletivo nas eleições municipais, tradicionalmente o lugar da política era masculina, mesmo não ganhando as eleições participara do pleito, isso é significativo, pois fugia as normas tradicionais prescritas para o gênero feminino: ser rainha do lar, cuidar dos filhos e marido. Segundo transgressão: a sua participação nos movimentos sociais - seja na Frente de Mobilização Popular, presidente da Liga Feminina no partido Trabalhista Brasileiro, que após um discurso inflamado na Rádio Clube contra o Governador Petrônio Portella e a favor dos militares. Ela também organizou a *Passeata da Fome* juntamente com familiares dos militares, estes haviam se rebelado por aumento de salários, o Governador então solicitou ajuda ao Exército, e depois de uma semana controlou os revoltosos que estavam sitiados no quartel. Transferindo oficiais envolvidos no movimento é nesse período que a professora Iracema Santos Rocha da Silva, foi presa acusada de práticas de subversão,

[...] apontada como subversiva, acabei sendo presa no quartel do 25º BC, na véspera do dia das mães, nem me despedi dos meus filhos, fui levada em um jipe, por três soldados cada um portando uma baioneta. Ali, eu fui muito humilhada, torturada moralmente, incomunicável. Ficava sentada em um tamborete na prisão do Quartel do 25 BC, interrogada pelo capitão Clidenor Carvalho e pelo Major Idalcio Wanderley, da Guarnição Federal, perante a Comissão de Execução de Atos Institucionais do Estado do Piauí. O interrogatório era somente à noite, nas madrugadas, eu ficava assobrada sem saber o que iria acontecer. Teve um coronel que me disse “*ao invés da senhora estar em sua casa cuidando dos filhos e do marido, está na política*”. E eu respondi que toda pessoa tem duas vidas, a íntima, de sua casa; e a social, que ao invés de estar nas festas da sociedade, eu estava na política, mas, nunca abandonei meus filhos e minha casa [...] o primeiro ato que fizeram foi me retirar da Escola Normal Antonino Freire, através de Ato do Governador Petrônio Portela Nunes, por força da Revolução, sendo colocada em disponibilidade. Tiraram-me o direito da cátedra, na escola Normal Antonino Freire, perdi o cargo de Professora, proibida de falar com meus jovens alunos, eu era “*perigosa*”, comunista e “*subversiva*”. (SILVA, 2008:11)

Portanto a participação da professora e jornalista Iracema Silva no espaço público era intensa, caracterizava-se como uma militante pró-feminina que não questionava a

identidade de gênero tradicional prescrita ao feminino, no entanto, era um feminismo que tinha como pauta o alargamento das atuações sociais e políticas femininas no espaço público.

Tempos de noivado e casamento. E a realização profissional?

Em meados do século XX o noivado tinha como regra básica a rapidez, pois um noivado longo “maculava” a reputação da moça. Portanto, os pais, e a própria sociedade pressionavam para que os casamentos ocorressem o mais rápido possível. Para alguns, havia prazo estipulado de “seis meses.”

Segundo Celso Barros Coelho (2008), o noivado não poderia demorar muito tempo, e, por isso, os pais da noiva entravam logo em ação: cobravam e estipulavam datas para a organização do casamento. Diz, então, Coelho (2008): “meu sogro deu prazo de seis meses para o casamento”. Os pais agiam dessa forma, em sinal de prudência, “prevenção”. Essa informação é confirmada por Iracema Santos Rocha da Silva, quando afirma:

Meu pai não deixava as filhas ficarem noivas muito tempo, fui noivando e casando logo. Eu o conheci em abril em 1947, em novembro de 1947 nos casamos. Meu pai tinha certas prevenções, em não deixar as filhas ficarem noivas muito tempo (SILVA, 2008: 3).

Nos pedidos de noivado era comum o pai do noivo fazer o pedido para o pai da noiva. No noivado de dona Iracema Santos Rocha da Silva com José Maranhão da Silva, como os pais do noivo não estavam presentes, ele mesmo fez o pedido ao seu futuro sogro. Este, antes de conceder a permissão, perguntou à filha Iracema, se era realmente o que ela queria, advertindo de que, mesmo que ela aceitasse, ele, seu pai, faria uma investigação da vida de José Maranhão. Como este era caixeiro viajante, poucos o conheciam.

O ideal de realização feminina nos anos dourados² era o casamento. Segundo Bassanezi (2000), a identidade feminina era pensada a partir da maternidade, casamento e dedicação ao lar, o que refletia o paradigma rainha do lar. Segundo Iracema Silva o ideal social para as mulheres naquele período era que elas não cometessem excessos: não deviam nem ser rainhas de seus lares em tempo integral e nem serem modernas em tempo integral; era preciso dosar, conciliando as tarefas fora e dentro do lar. Desse modo, as mulheres deviam

² Os anos cinquenta do século XX foram rotulados no Ocidente como Anos Dourados, em face das manifestações artísticas e culturais do período e da fase de prosperidade da economia norte-americana e europeia, impulsionando de forma consistente toda a economia mundial. Ver a obra de (HOBSBAWN, 2001)

viver não somente em função do marido, dos filhos, deveriam também pensar em seu bem-estar, seja através de sua realização profissional, seja estudando, procurando meios de tornar aquelas ações possíveis. Portanto, é preciso dispor de tempo para se dedicarem a sua ‘higiene mental’, ou seja, lendo, tendo acesso a diferentes conhecimentos, outrora, não acessíveis ao feminino. As mulheres deviam pensar, por exemplo, na sua realização profissional, “idealizar um futuro bonançoso”:

Os extremos são perigosos [...] existem mulheres [que] se entregam aos extremos [...] muitas compreendem a vida como um deslizar macio de prazer a outro. Festas, passeios, compras. Entregam às empregadas os filhos [...] beijam os filhos preocupadas com a hora da manicure, com o novo penteado que vão usar, ou com o modelo balão ou saco [...] esquecem uma boa leitura com os filhos e o marido [...] outras, na extremidade oposta, apegem-se (sic) em demasia aos trabalhos caseiros que sugam, desvitalizam e escravizam a mulher. Esquecem-se das pequenas pausas, repousos [...] da higiene mental necessária ao impacto árduo da vida [...] não tem tempo de sonhar, um pouco, idealizar um futuro bonançoso, salutar pelo efeito da esperança nas almas cansadas [...]. (SILVA, 1959:4)

Dona Iracema Santos Rocha da Silva escrevia constantemente para a coluna *Crônica Feminina*, pertencente ao semanário *O Dominical*, mesmo que de maneira contraditória³, se levamos em conta as crônicas analisadas na década de 1950. No final desta década, ela iniciava o curso de Filosofia na Faculdade de Filosofia - FAFI, no entanto, em entrevista deixa claro que sua vontade inicial desde a adolescência era o curso de Direito, mas que não foi possível que ela o fizesse em virtude de conjunturas sociais que demonstravam a desigualdade de gênero em todos os aspectos sociais, seja educacional, moral. Eram tempos em que o desejo pessoal feminino deveria ser suprimido, face aos sacrifícios do lar, revestidos em submissão feminina, juridicamente legitimada pelo Código Civil de 1916, que exigia que a mulher casada tivesse autorização do marido para trabalhar ou estudar. Então, ela diz:

Quando eu me formei em dezembro de 1946, então eu disse para meu pai: “agora deixa eu fazer Direito”, um pedido, uma súplica. Acontece que logo, no ano seguinte, eu já estava namorando, noivando, e em menos de um ano eu casei. Foi

³ Percebemos ideias contraditórias nas diferentes crônicas que escreveu na década de 1950, o que nos fez analisar que entre 1957 e 1959 sua vida tomou rumos e guinadas diferentes que transformaram sua vida, como a maneira de se pensar enquanto mulher num período regido por convenções sociais e também rupturas nas transformações sociais que ocorriam. A ruptura em suas crônicas foi percebida a partir de sua entrada na Faculdade de Filosofia, uma vez que as crônicas escritas antes de sua entrada e participação nas atividades político-acadêmicas do ensino superior têm uma perspectiva, e, após suas “novas leituras, conhecimentos”, passaram a ter novas abordagens e muitas vezes a contradição prevaleceu no que se refere à condição feminina.

muito rápido. Depois de casada, eu pedi para meu marido, “deixa eu fazer Direito”, ele disse “Para quê? você já tem o curso de Filosofia!”, ou seja, com uma insinuação de dizer não, sem dizer não, ele disse “vai estudar Didática”, [...] os tempos eram outros, eu pedia “me deixa fazer”, porque eu não faria sem a concordância dele, pois bem, para você perceber como naquele tempo, mulher era bem diferente. (SILVA, 2008:4)

Verifica-se, assim, que as obrigações de uma dona-de-casa, mãe, esposa e professora não a impediam de sonhar, como demonstrado anteriormente pela crônica “Nada de excessos”, na qual ela chamava a atenção das leituras que se deve fazer entre os afazeres domésticos. Assim, era preciso tempo, pausas para sonhar com um futuro melhor, talvez estudando o que lhes conviesse então era preciso que não esquecessem, como ela indica no trecho a seguir; “[...] pequenas pausas, repousos [...] da higiene mental necessária ao impacto árduo da vida [...] não tem tempo de sonhar, um pouco, idealizar um futuro bonançoso, salutar pelo efeito da esperança” (SILVA, 1959:4). Portanto, percebe-se nesta crônica jornalística uma escrita auto-referencial ou escrita de si, haja vista que sua trajetória de vida confirma que era preciso sonhar, querer ir além dos papéis de gênero prescrito na década de 1950 para a identidade de mães, esposa e dona-de-casa. No entanto, seu desejo era tornar-se advogada. Assim, ao escrever para outras senhoras teresinenses, também “desabafava”, aconselhava e, ao tratar de assuntos da vida privada, de afazeres domésticos, também escrevia sobre sua vida e a vida de outros.

No caso de Dona Iracema Silva, a escolha de dedicar-se integralmente à criação dos filhos e ao marido levaram os planos profissionais para o segundo plano, mas não os cancelaram (PASSERINI, 1996). Em 1969, com os filhos já adolescentes, estudando fora, ela passou no exame vestibular da Faculdade de Direito – FADI,

Então essa luta minha para estudar Direito foi árdua. Anos depois de casada, eu disse para meu marido “me deixa fazer Direito, as crianças já cresceram”, mas, só bem depois de anos de casada, consegui fazer o vestibular de Direito. Aliás, minhas filhas já iam fazer vestibular em Fortaleza [pois] elas queriam estudar Agronomia [...] antes de concluir o curso de Direito, não é que eu não me sentisse feliz, na realidade, eu não me sentia realizada (SILVA, 2008:4)

Como apontado antes, perceberam-se contradições nas crônicas escritas para o Jornal *O Dominical*. Na crônica “Para ti” Dona Iracema Silva aconselhava as mulheres a ‘aceitarem’ sua condição sem revolta face à ‘desigualdade das sortes’: “É preciso coragem para calafetar as brechas da tua alma [...] se, porém, amiga, tens o

coração angustiado e a alma sufocada [...] contém-te um pouco que sentirás tua alma sacudida por um canto suave que se chama resignação” (SILVA, 1958, p.4).

Algumas crônicas por ser escritas para o jornal *O Dominical* – um noticiário pertencente à Diocese Católica – deveriam tratar de assuntos domésticos que não fossem em desacordo com a orientação católica, que pretendia uma rigidez e desigualdade na divisão dos papéis tradicionais de gênero na família.

A desigualdade de gênero poderia ainda ser percebida nas sobrecargas das responsabilidades femininas, especialmente a esposa, que era quem ‘moldava, ‘construía’ o homem. A carga ou peso que colocaram em seus ombros exigia esforços de uma super-mulher. Essa cobrança, porém, não ocorria com o homem, pois o cuidado do mundo a sua volta não era atribuído ao masculino, como se fazia em relação a ‘grei feminina’,

nunca será demais repetir que a mulher é a responsável pelo mundo que se forma, a mulher é inspiradora e conselheira do homem, sua formadora e seu refúgio, exemplo e incentivo, todo papel que o homem desempenhar, será resultado da ação da Mulher. (SILVA, 1958, p.3)

Era preciso adequar e instruir a mulher moderna quanto aos papéis de gênero tradicionais que alguns discursos na sociedade esperavam que fossem dominantes.

Ainda que as mulheres trabalhassem fora de casa e/ou estudassem, isso não lhes dispensava das obrigações domésticas e dos cuidados com a educação dos filhos. Mesmo que tivesse em casa a ajuda de empregadas domésticas, a ‘boa esposa’ não deveria descuidar dessas tarefas, acompanhando sempre de perto tudo o que aconteciam em seu lar. Era preciso conciliar as tarefas domésticas com o trabalho fora de casa, ser uma ‘super-mulher’ e, para conseguir essa conciliação, era preciso seguir um rigoroso cronograma de atividades.

Esta semana quase esqueci tua crônica dominical, amiga [...] um esquecimento punjante (sic) de preocupações [em] meu retalho cotidiano de afazeres [...] coisas domésticas, em trabalhos de fogão, em lides de fraldas de crianças, em costuras ou preocupações de mercado [...] na afadiga das compras de todos os dias e, ao determinar à cozinheira o ‘menu’ modesto do meio-dia, volto-me à organização do pandemônio do quarto das crianças [...] e da casa. Ainda tenho como coisa exclusiva para donas de casa, os remendos das roupas rasgadas e as confecções que todas elas são feitas por mim. E as aulas que tenho a dar em dois estabelecimentos escolares e que preciso organizar mentalmente, para que melhor sejam apreendidas pelos alunos? Largo tudo e corro aos livros! Mas, os clássicos ponteiros do relógio correm imperturbáveis, e vejo que é hora de sair para as aulas. Qual o trabalho seguinte da lista? [...] E o caçula já saberá a lição? E o ponto da Sociologia que preciso estudar para minha prova parcial na Faculdade, como apreender sem perder tempo? ‘As

cartas do Pequeno Príncipe' em que estou interessada, como prolongar mais 20 minutos diários de sua leitura? Se a lavadeira não trazer a roupa hoje, tenho de roubar alguns minutos espalhados para passar a ferro algumas peças [...] (SILVA, 1959, p.6).

Como enfatiza a crônica, esperava-se que as mulheres casadas, antes de se dedicarem ao trabalho fora do lar ou de seus estudos, fossem boas esposas, mães e donas-de-casa perfeitas. Mesmo com a sobrecarga de responsabilidades femininas, alguns discursos do período em estudo adjetivavam a mulher de sexo 'frágil', em oposição ao sexo forte, o homem, do qual era cobrado somente prover a família, responsabilidade meramente econômica, e nada mais.

Tempos de Faculdade de Filosofia – FAFI

Com o surgimento da Faculdade de Filosofia – FAFI em 1957, é possível identificar mudanças nas possibilidades de acesso ao ensino superior na cidade de Teresina uma vez que antes do final dos anos 1950 existia na cidade apenas a Faculdade de Direito – FADI, criada em 1931. Outro indicativo de mudança era percebido no horário adotado para o funcionamento das aulas: no turno da noite. Estudar à noite constituía uma liberdade muito grande na cidade de Teresina, como afirmar Irlane Gonçalves de Abreu “o meu balanço daqueles tempos ‘fafianos’ me leva a constatar uma afirmação da liberdade feminina que a vida acadêmica só reforçou, estudando à noite e participando de atividades acadêmicas” (ABREU, 1996: 60), como por exemplo, da I Semana Universitária do Piauí, realizada em outubro de 1959, organizada pelos Diretórios Acadêmicos da FADI e FAFI.

A aluna de Filosofia, Iracema Santos Rocha da Silva, fez a abertura do evento com a palestra sobre os “Problemas Universitários” (SILVA, 1959:6), na qual ressaltou as questões e problemas pelos quais passava o ensino superior no Brasil e, especialmente no Piauí, como é o caso da falta de bibliotecas. Encontros como o mencionado constituíam espaço oportuno para os estudantes debaterem e discutirem o ensino, as políticas estudantis e as políticas sociais.

Gradualmente, as mulheres estavam ocupando as mais diversas áreas profissionais, desde o magistério, à área da saúde, do direito, da administração pública, conforme nos demonstra a crônica a seguir:

A mulher no serviço público [...] a mulher entrou fundo na nossa burocracia, a ponto de não haver hoje neste país uma só repartição que não tenha o perfume das rosas concorrentes. Nos escritórios, no comércio, por toda parte ocorre a mesma coisa. Sou, entretanto, daquela época em que erroneamente chamado sexo frágil, vivia em casa, nos seus trabalhos domésticos, cuidando dos filhos e tratando de aparelhar-se para o casamento e para cumprir o preceito bíblico. Hoje a mulher vive na rua, como os homens, trabalhando, lutando, pendurada nos ônibus e nos trens sem o menor constrangimento. Assistir essa evolução, diria melhor, essa transformação [...] (SOBRE as mulheres, 1959: 5).

A luta feminina pelo fim da desigualdade dos gêneros, no período em estudo, é retratada também numa crônica da professora Iracema Silva, na qual ela fazia uma denúncia sobre o resultado da banca para provimento da cátedra em Sociologia Educacional na Escola Normal Antonino Freire, a qual, segundo ela, aprovou um candidato não por competência, mas por tradição e proteção do poder masculino.

No referido concurso, Dona Iracema Silva – que no período exercia a profissão de professora normalista e de jornalista era também aluna de Filosofia e professora em artes femininas: economia doméstica, culinária, corte e costura, puericultura; como também de Didática, e possuía registro de professora de História Geral concedido pela Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) – concorreu com professor Wilson de Andrade Brandão, que era bacharel em Direito, professor catedrático de Direito Civil da Faculdade de Direito, professor catedrático do Colégio Estadual do Piauí, professor de Francês da Faculdade de Filosofia.

Veja, a seguir, duas citações que confirmam o que foi afirmado nos dois últimos parágrafos. A primeira foi retirada da crônica mencionada no primeiro dos dois parágrafos; já segunda foi extraída de uma entrevista concedida por Dona Iracema Silva:

[...] colocou-se em primeiro lugar o Dr. Wilson [...], porém não compreendi porque o examinador [...] dissera antevendo o seu julgamento, que por melhor que eu me sásse no concurso, não poderia preterir o Dr. Wilson, para o segundo lugar, pois seus inúmeros títulos e antiguidade no magistério faziam-no merecedor do lugar, por tradição [...] o concurso de Sociologia Educacional que fiz era por concurso de títulos e tradição ou de competência de matéria? (SILVA, 1959: 2)

[...] na prova escrita, eu e o professor Wilson tiramos a mesma nota, na prova de títulos ele ganhou de mim “eu só era uma professorinha primária” e ele, autoridade de renome. Mas, na prova prática, a gente tinha que dar 40 minutos de aula e como eu já estava acostumada de dar aulas, eu gostei muito. Mas, quando o professor Wilson foi ministrar a aula, e acabara sobrando minutos, e a banca disse, “o senhor ainda tem 20 minutos” [...] isso mostrava que a minha nota deveria ser melhor que a dele [...] o meu irmão já sabia que eu iria perder. O professor Camilo Filho, que era

o examinador no concurso disse para meu irmão, que infelizmente tinha que dar nota menor para mim, em relação ao professor Wilson Brandão. (SILVA, 2008)

Embora o modelo de identidade feminina relacionada ao de rainha do lar fosse o mais divulgado durante a década de 1950, ele não era o único, pois havia mulheres na classe média trabalhando, estudando, conciliando os papéis de mãe e esposa, sendo auxiliadas no trabalho domésticos por empregadas.

Logo, foi através do esforço, da determinação em quebrar as desigualdades de gênero, que muitas mulheres, que não aceitaram as agruras de seu tempo, tentaram mudar o curso de suas histórias, escrevendo para denunciar as desigualdades de gênero. Elas, também, trabalharam fora do lar e foi através do seu trabalho que as mulheres começaram a libertar-se do jugo e da dominação masculina, e, a partir daí, as diferenças de gênero começaram a diminuir na sociedade, pois, conquistando espaço e participando igualmente do mercado de trabalho, as mulheres, mesmo na década de 1950, puderam exercer qualquer profissão: jurista, médica, professora, dentista, advogada, funcionária pública, secretária, enfermeiras e outras que desejassem.

Tempos de Infância

Iracema Santos Rocha da Silva nasceu em 1927, na cidade de Floriano. Em 1932, por falta de escolas na cidade, toda a família migrou de Floriano para a cidade de Teresina, em razão de seu irmão mais velho, Antônio Santos Rocha, precisar prosseguir seus estudos. Em 1935, Iracema, então com 7 anos, iniciava o primário no Colégio das Irmãs, na modalidade de externato, onde permaneceu até concluir o Curso Normal, aos 19 anos, em dezembro de 1946.

A preocupação do pai com o aprendizado das meninas não era o mesmo, se comparado aos meninos, pois não havia o mesmo empenho, por parte do pai, em conceder auxílios financeiros às filhas. Quando entrevistamos Dona Iracema Silva e indagamos sobre as diferenças nos investimentos em educação que os pais concederam a ela, quando comparados aos investimentos feitos em relação aos seus irmãos, ela afirmou:

Havia sim, diferença na educação; a dos meninos era muito liberal, substancial, a das meninas, não! aprendiam no máximo a ler e escrever, só estudavam o primário. Para se tornar professora, era o máximo, estava realizada. Eu estudei durante toda minha infância somente no Colégio das Irmãs, foi lá que eu aprendi as primeiras letras. Há setenta anos, mais de meio século, mulher não estudava em Teresina, eu não queria ser só professora não, eu queria ser advogada. Meu pai embora um homem culto, adiantado e progressista, não quis que eu estudasse no ginásio porque tinha homens. Ele dizia que não proibia, mas proibia. Para você ver como era a atitude, então ele me colocou no Colégio das Irmãs, para estudar o curso normal, e, me tornar professora (SILVA, 2008:2).

Analisarmos na Dissertação de Mestrado algumas trajetórias educacionais infantis e constatamos que as mulheres se concentravam no ensino normal, este de caráter profissional, considerado o modelo de educação feminina, assim como também era o paradigma ‘ideal’ dos investimentos familiares, percebidos nas trajetórias da entrevistada. Ser professora significava dar continuidade à ideia de natureza feminina: as meninas se tornavam maternais e delicadas, o curso as preparava para a missão de tornarem-se professoras e ou/mães.

Assim a escola, ao separar meninos e meninas, produziu diferenças, distinções, desigualdades, mecanismos de classificações, hierarquias (LOURO, 2004). A educação diferenciada destinada aos jovens constituía-se uma estratégia católica, para garantir a binariedade ou hierárquica rígida entre os papéis sexuais na constituição da família: o homem provedor da família ou o ‘cabeça’ da casa, e a mulher rainha do lar.

Desse modo, escola para as meninas deveriam funcionar como uma extensão de sua missão no lar através do cuidado com crianças, e também da casa, para isso nas escolas confessionais contavam com as disciplinas de higiene ou puericultura para lhes ensinar o que deveria saber uma rainha do lar. Eram ensinados, ainda, trabalhos manuais com agulhas, para aumentar mais o rol das prendas femininas. Enquanto isso, os homens estavam presentes nos cursos científicos, de caráter propedêutico, com a preparação para o vestibular, o que facilitava o acesso aos cursos superiores

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os escritos de Iracema Silva demonstram que as construções de suas identidades não são harmônicas, únicas, mas são plurais: Professora, Cronista do Jornal *O Dominical*, esposa, mãe, dona de casa, estudante da FAFI (1959), estudante da FADI (1969), ativista

política, o que confirma o que a historiadora Ângela de Castro Gomes afirma sobre a produção da escrita de si, quando diz que

O “eu” do indivíduo moderno não é contínuo e harmônico que as práticas culturais de produção de si se tornam possíveis e desejáveis, pois são elas que atendem à demanda de uma certa estabilidade e permanência através do tempo. A ilusão biográfica, vale dizer, a ilusão da linearidade e coerência do indivíduo, expressa por seu nome e por uma lógica retrospectiva de fabricação de sua vida, confrontando-se e convivendo com a fragmentação e a incompletude de suas experiências, pode ser entendida como uma operação intrínseca à tensão do individualismo moderno. Um indivíduo simultaneamente uno e múltiplo e que, por sua fragmentação, experimenta temporalidades diversas em sentido diacrônico e sincrônico. As práticas de escrita de si podem evidenciar como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo. Também pode mostrar como o mesmo período de vida de uma pessoa pode ser decomposto em ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho. E esse indivíduo, que postula uma identidade para si e busca registrar sua vida, não é mais o “grande” homem, isto é, o homem público, o herói, a quem se autorizava deixar sua memória pela excepcionalidade de seus feitos. Na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber ler, escrever, fotografar, abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro do homem “anônimo”, do indivíduo comum, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si. (GOMES, 2004:13)

Como propõem Gomes (2004) e Bourdieu (1996), nas crônicas jornalísticas de Iracema Silva analisadas sob a perspectiva da escrita de si, enquanto práticas culturais não existem uma materialização de uma identidade feminina percebida enquanto “um eu” homogêneo, coerente e contínuo. Pelo contrário, o que existe é fluidez, multiplicidades, incoerência, fragmentação. E desta maneira me proponho a analisar a história do feminismo no período de 1960 a 1970 na cidade de Teresina a partir da trajetória de Iracema Santos Rocha da Silva.

Por muito tempo a escrita da história estava direcionada às memórias dos “grandes homens” (seja político, militar, religioso, gênero masculino) e das elites reservadas ao espaço público. A metodologia proposta pela micro-história por sua vez, possibilita novas práticas de dar visibilidades às pessoas comuns e que também fazem parte da História. Assim, segundo Lima (2006), podemos escrever História a partir de trajetórias individuais ou de grupo, as quais constituem também como agentes históricos individuais.

De acordo com Giovanni Levi (1992) a micro-história é um novo procedimento de trabalho do historiador que surge a década de 1970, caracterizada por uma crise no modo de fazer História ancorado nos paradigmas marxistas e funcionalistas. Surge, então, como

uma das respostas possíveis àquela crise, o método ou a prática da micro-história e que está baseada:

[...] na redução da escala da observação, eu uma análise microscópica [sair dos] problemas de descrever vastas estruturas sociais complexas, sem perder a visão da escala do espaço social de cada indivíduo [...] a redução da escala é um procedimento analítico, que pode ser aplicado em qualquer lugar, independente das dimensões do objeto analisado. (LEVI, 1992: 136-7)

Com isso, Levi chama a atenção dos historiadores para o fato de que, ao analisar qualquer sociedade, é preciso estar atento ao conceito de escala, não apenas no aspecto macro (como estavam embasados os estudos historiográficos), mas é preciso considerar também o micro, analisando a interação entre indivíduo e sociedade.

REFERÊNCIAS

Artigos, Dissertações, Livros

ABREU, Irlane Gonçalves de. Lembranças de Teresina. **Cadernos de Teresina**. Teresina: FCMC, Ano X, nº 2223, Agosto de 1996. p. 55-61.

BARROS, Jesualdo Cavalcanti. **Tempo de contar**: o que vi e sofri nos idos de 1964. Teresina: Gráfica do Povo, 2006.

BASSANEZI, Carla. Mulheres nos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 607-639

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & abuso da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.183-192

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política**. Tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Organizador e seleção dos textos Manoel Barros da Mota. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____. (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editor FGV, 2004. p.7-24

HOBBSBAWN, Eric. **A era dos extremos - o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

LEVI, Giovanni. Sobre micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p.133-161

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. A construção escolar das diferenças. In: _____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 7. ed. Petrópolis, 2004. p. 57-87

OLIVEIRA, Ângela Maria Macedo de Oliveira. **Imagens dissonantes: a família teresinense entre prescrições católicas e práticas culturais na década de 1950**. 179 p. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2009 (Dissertação de Mestrado).

PASSERINI, Luisa. A juventude metáfora da mudança social – dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In: LEVI, Giovanni; SCHIMIT, Jean Claude. **História dos jovens**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. **Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

SOIHET, Rachel. **Feminismos e antifeminismo: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

Fontes: Crônicas, Entrevistas e Memórias.

COELHO, Celso Barros. **Entrevista concedida a Ângela Maria Soares de Oliveira**. Teresina, 21 de junho de 2008.

SILVA, Iracema Santos Rocha da. **Entrevista concedida a Ângela Maria Soares de Oliveira**. Teresina, 18 de junho de 2008.

_____. A vida de todos os dias. **O Dominical**, Teresina, p.6, 14 de jun. de 1959.

_____. Concursos ou tradição? **O Dominical**, Teresina, p.2, 13 de dez. de 1959.

_____. Congresso Estadual de Estudantes. **O Dominical**, Teresina, p.6, 11 de out. de 1959.

_____. Nada de excessos. **O Dominical**, Teresina, p. 4, 28 de jun. de 1959

_____. O lugar da mulher. **O Dominical**, Teresina, p.3, 15 de jul. de 1958.

_____. Para ti. **O Dominical**, Teresina, p. 4, 23 de mar. de 1958.

_____. **Folha da Manhã**, Teresina, p.5, 24 de jan. de 1959.

SILVA, José Maranhão Ferreira da. **Recordar é viver**. Teresina, 2002.